

Os caminhos e os sentidos do exílio na poesia de Ferreira Gullar

Ways and senses of exile in the poetry of Ferreira Gullar

Marcélia Guimarães Paiva

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
marcelia.guimaraes@ufff.edu.br

Raquel Beatriz Junqueira Guimarães

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
raquel.beatriz@oi.com.br

Palavras-chave: Exílio, ensimesmamento, exílio político, migração, paraíso, poesia brasileira.
Keywords: Exile, self-absorption, Political exile, migration, Paradise, Brazilian poetry.

A palavra exílio tem origem em *exilium* que sucedeu a *exsilium* no latim significando “desterro”, “degredo”, “ação de expatriar” ou o “lugar de exílio” (Leite & Jordão, 1958; Saraiva & Quicherat, 1993). Vários dicionários concordam com essa acepção e acrescentam outras: “pena que obriga o condenado a abandonar a pátria”, “expatriação forçada ou voluntária”, “lugar onde reside o exilado” ou “lugar desagradável de morar”.

Entende-se que essas acepções enfatizam o “lugar” geográfico, ou a terra. O mesmo ocorre, com boa parte dos estudos sobre o exílio, que priorizam o deslocamento geográfico. Diferentemente dessa linha hegemônica, neste artigo considera-se que o exílio se dá também em lugares/espacos não geográficos, no interior do indivíduo. Esse indivíduo vive separado por não aderir aos valores compartilhados pela maioria. Torna-se um exilado ao perceber essa diferença moral e responder emocionalmente a ela (Ilie, 1980, p. 2).

Ainda de acordo com dicionários, há uma acepção interessante relativa à possibilidade de todos os homens estarem condenados ao exílio, à vida mortal. Assim, exílio seria a expulsão de Adão e Eva do paraíso. Por extensão, segundo Paul Tabori (1972, p. 32):

[...] todo grande artista e mente verdadeiramente criativa é um estrangeiro em seu próprio país – por ser diferente, estranho, não conformista, todos os

critérios essenciais do espírito criativo – que *se exilou* do mundo, do senso comum. (tradução nossa)¹

Acepções como essa, se não reforçam o sentido da violência do exílio, destacam que o exilado não concorda com a pena que recebeu. Nos dicionários é possível encontrar também uma acepção de expulsão da pátria e, contraditoriamente, de exílio voluntário, que pode ter o sentido de ato ou efeito de deixar a pátria voluntariamente para ir viver em país estrangeiro.

Outro sinônimo de exílio é a palavra *degrado*. O verbo *degradar* é uma forma alterada de *degradar* – do latim *degradare*, que por sua vez tem origem em *decretare*, ou uma ação judicial. *Degradare* é “[...] privar do grau, da dignidade, rebaixar” (Nascentes, 1955, p. 150). Em correspondência à ideia de violência, existe o conceito de *asilo*, palavra que se origina do grego *ásylon* – inviolável – pelo latim *asylu*. *Asilo* é também um lugar inviolável, sentido que reforça a ideia de que todo exílio é forçado.

Além das questões do território e da violência, o exílio, segundo Paul Ilie, se caracteriza mais como uma condição mental do que pela falta de contacto físico entre pessoas ou das pessoas com terras e casas. Tal rompimento supõe reciprocidade: cortar um segmento de uma população é deixar cada um dos dois segmentos sem o outro (Ilie, 1980, p. 2).

Como se percebe por este levantamento aqui realizado, o exílio pode ser territorial ou íntimo, marcado pela violência ou realizado por decisão pessoal, resultado de expulsão ou de degradação, sinal de rebeldia ou de divergência.

Essas formas de exílio estão presentes na tragédia dos deslocados do século XXI. Mas estar em deslocamento não é uma novidade para o ser humano. Os grandes deslocamentos populacionais chamam a atenção desde a pré-história, pois o homem sozinho ou em pequenos grupos está sempre se deslocando. Atualmente, o fenômeno das migrações impõe ao Estado atual o desafio de discutir “[...] integração e assimilação de imigrantes, formação de minorias étnicas e surgimento de uma sociedade multicultural, formação de subcamadas sociais e de guetos, conflitos interétnicos, preconceitos e hostilidade aos estrangeiros” (Horstmann-Niemann, 1997, p. 403). O bloqueio do fluxo de imigrantes pelos países desenvolvidos cria uma situação esquizofrênica ou de “moral dupla” (Horstmann-Niemann, 1997, p. 405), pois existe tanto um movimento de atração como de resistência aos imigrantes.

Os deslocamentos atuais, compulsórios ou intencionais, de refugiados ou de migrantes, se traduzem em uma situação que se pode afirmar ser de exílio. Mas nem todo deslocamento resulta em uma autodeclaração de exílio bem como nem toda viagem é sinônimo de exílio. Assim, qual é o deslocamento que resulta em exílio? O mais óbvio é o banimento da pátria por determinação legal ou por violência. No entanto, o banimento pode dar-se dentro do grupo social e resultar em um exílio interior. O sujeito pode viver um exílio dentro de sua pátria ou comunidade, ou pode ter sido expulso de sua terra. Na questão de exílio sempre

¹ “[...] that any major artist and truly creative mind was a foreigner in his own country – that, by being different, strange, non-conformist, all essential criteria of the creative spirit, he *exiled himself* from the word of common sense”.

há nuances a considerar, pois o exílio é vivido por sujeitos em trânsito: trânsito íntimo, trânsito para o outro, trânsito entre lugares (imaginários ou histórico-sociais ou territoriais).

O exílio tem sentidos diversos em análises filológicas, sociais, econômicas e históricas como visto aqui. Também na literatura esta expressão ganha diversas dimensões. É possível desenvolver esse tema abordando poemas que, de algum modo, corresponderiam a esses conceitos de exílio aqui apresentados. Para determinar a escolha e a análise dos poemas considerados “de exílio”, foram usadas cinco características. Pressupõe-se que as situações de exílio apresentadas pelos poemas têm os seguintes aspectos: o exilado está fora de casa, tem consciência do exílio, é um ser sozinho, deseja um paraíso e passou por uma experiência de exílio anterior. Essas características, neste artigo, são usadas para delimitar o tema do exílio na poesia de Ferreira Gullar, poeta, crítico de arte, ilustrador, tradutor, dramaturgo, cronista, nascido na cidade de São Luís, no Estado do Maranhão, em 1930. Morreu no Rio de Janeiro em 2016. Devido à sua atuação política, esteve exilado entre agosto de 1971 e março de 1977, durante a ditadura civil-militar brasileira, iniciada em 1964 com um golpe de Estado.

1. Estar fora de casa

A principal característica de uma situação de exílio mostrada em um poema é estar fora de casa, é a situação de deslocamento que sucede dentro da terra de origem ou fora dela. “Casa” tem várias acepções: pode significar o lugar de residência, de proteção, pode ser um grupo social, uma nação ou um lugar que está ligado estritamente ao tempo de vivência. O que é estar fora de casa? É sentir-se fora do corpo, do círculo social ou profissional, do partido político, do país, da nação, da poesia. Mas se tudo isso for próprio das ocorrências da vida? Por que seria o exílio? Quando o estar fora de casa confunde-se com o exílio? Qual é a razão que leva uma pessoa a sair de casa que a transforma em uma exilada?

Segundo Paul Tabori (1972, p. 37) não há diferença entre as razões que dispararam o processo de exílio: um exilado é uma pessoa que é obrigada a deixar sua terra natal devido a forças políticas, econômicas ou puramente psicológicas. Não é uma diferença essencial se ela foi expulsa pela violência ou se tomou a decisão de deixar a terra voluntariamente. Pode-se afirmar, de acordo com essa ideia, que também não há diferença fundamental entre tipos de exílios que envolvem deslocamentos ou não. Na literatura, esses tipos de exílio podem surgir em poemas nos quais se trata de um sentimento de estar fora de casa. Esses textos recriam situações que mostram uma vida conturbada por razões sociais, profissionais ou econômicas, entre outras, ou um sujeito cheio de dúvidas, de questionamentos.

Esse parece ser o caso do poema *Nova canção do exílio*, de Ferreira Gullar, publicado no jornal *O Globo* em 2000, que foge aos conceitos mais tradicionais de exílio. O título sugere que o poema tem um modo singular de ver o exílio e que não se atém à questão do deslocamento territorial ou da violência. O poema é uma nova maneira de encarar o exílio além de se referir a uma vida nova, para o poeta e para o país. O novo apaixonado mostra que há outras paixões que

remetem ao futuro, ao temor novo de perder o que se possui no presente, e não ao que se possuiu e foi perdido:

Não permita Deus que eu viva
perdido noutros caminhos
sem gozar das alegrias
que se escondem em seus carinhos
sem me perder nas palmeiras
onde cantam os passarinhos
(Gullar, 2008, pp. 451-452)

Assim, ao mesmo tempo em que resgata a tradição literária ao dialogar, de modo enviesado, com *Canção do exílio* de Gonçalves Dias (1998, pp. 105-106), o poema pode ser visto como um modo de Ferreira Gullar contestar os críticos de sua obra, que destacam unicamente a condição de exilado político motivados pela biografia do poeta. De fato, o poeta ocupa-se de sua ausência do país em vários poemas, mas é perceptível outros tipos de exílio em sua obra poética, como a sensação de estrangeiro causada pela saída de sua cidade natal, São Luís, e o sentimento de exílio existencial.

Independente do tipo de exílio, nele existe grande instabilidade, insatisfação e resistência a pertencer ao novo lugar de morada. Quando o exilado se estabelece, a “força desestabilizadora” da “vida levada fora da ordem habitual” (Said, 2003, p. 60) ressurgue ou “[...] uma casa e laços reais são coisa para os que virão depois” (Gordimer², 1990 apud Bhabha, 1998, p. 35), as novas gerações. O exilado vive um conflito entre estabelecer-se – pois o exílio não é uma situação transitória – ou permanecer em instabilidade. Essa instabilidade não é a mesma que caracteriza a situação de transitoriedade existente na vida.

A instabilidade da vida na cidade estrangeira é mostrada em *Poema sujo*, de Ferreira Gullar, composto quando o poeta se encontrava no exílio por razões políticas e publicado no livro homônimo em 1976. O exilado sente que seu corpo é aberto, tão aberto que seu sangue pode se esvair:

meu corpo cheio de sangue
[...]
meu sangue feito de gases que aspiro
dos céus da cidade estrangeira
com a ajuda dos plátanos
e que pode – por um descuido – esvair-se por meu
pulso
aberto
(Gullar, 1976, pp. 19-20)

Nesse trecho citado, o perigo ou a promessa parece resultar do “descuido” ao substituir um elemento do passado – as bananeiras – por um elemento aparentemente similar – os “plátanos” da nova cidade. A palavra “plátanos”, em espanhol, é a tradução de “bananeiras”. Na poesia de Ferreira Gullar, a imagem de bananas ou bananeiras, que remetem ao passado, está muito presente. Assim, é possível

² Gordimer, N. (1990). *My son's story* (p. 21). London: Bloomsbury.

pensar que, com a ajuda dos “plátanos” (Gullar, 1976, p. 20), essa imitação malfeita da imagem das bananeiras, o habitante pode respirar na cidade estrangeira ou desaparecer nela. Para ilustrar a importância dessas imagens poéticas, é interessante ressaltar que Ferreira Gullar criou uma sequência de poemas intitulados *Bananas podres* cujos temas são a sua infância, a cidade de São Luís ou a quitanda de seu pai, numa tentativa de apresentar um modo de recriar o passado.

Sobreviver no exílio pode significar escrever para “[...] superar a dor mutiladora da separação” (Said, 2003, p. 46) sob a qual vive o exilado. Em relação à questão colonial, K. Bhabha (1998, pp. 33-34) escreve que a função da literatura de exílio pode ir além dessa superação. A produção literária, tanto daqueles que foram colonizados como dos que saíram de sua terra de origem, pode substituir a transmissão de tradições nacionais, criando um tema internacional, com postura crítica, em uma ação na mesma medida literária e política (K. Bhabha, 1998, pp. 33-34).

Por meio da escrita, é possível inventar a ideia de estar em casa. Assim, cultivar a poesia ou ser poeta é uma das estratégias de sobrevivência de quem está fora de casa. É ir contra a mudez do exílio (Said, 2003, p. 47), lutar contra o esquecimento, ter a missão de denunciar o que ocorre na terra de origem, preservar a própria língua.

Considera-se que o poema *Volta a Santiago do Chile*, de Ferreira Gullar (2010, pp. 119-121) publicado no livro *Em alguma parte alguma*, é uma tentativa de lutar contra o esquecimento. Ao velar a figura de Allende por meio da memória, o poema estabelece uma unificação entre o passado e o presente para lembrar que é necessário fazer justiça aos emudecidos pelas ditaduras latino-americanas do século XX e resistir ao esquecimento (Paiva, 2012, p. 115).

Cultivar a poesia ou ser poeta também é ser uma voz dissonante. A presença do exilado já é por si só dissonante. Suas roupas, sua religião, sua cor, sua pobreza, seu corpo – vivo ou morto – destoam da estabilidade dos países aonde chega. Também sua presença como sinal dos que ficaram – ainda mais em risco do que aqueles que partiram – é um desafio à integração (in)dejsada pelo exilado e por aqueles que (não) o acolhem: “A prova da hospitalidade, a hospitalidade incondicional, seria aceitar que um estrangeiro permanecesse estrangeiro, intempestivo, desconhecido” (Nascimento, 2004, p. 44).

Como voz dissonante, o poeta em exílio inventa um futuro para si por meio do poema. E quando sente que a perda da casa é definitiva, o poema se torna sua casa. O poema de exílio representa um sujeito em trânsito que leva consigo sua casa.

Obviamente, o exílio não termina quando começa um novo exílio. Ferreira Gullar tem um poema que provavelmente demonstra bem isso. *Cantiga do acaso*, do livro *Na vertigem do dia*, publicado em 1980, traz um sujeito sob forças do acaso: tanto o acaso que o levou ao exílio político como o acaso que o leva a um local supostamente ignorado pela memória. Por meio da memória, o exilado transita por lugares que não são seus, pois não são nomeados em sua língua materna. Ele está nas *calles* chilenas, nas *jirones* peruanas, nas *úlitzi* russas e nas ruas brasileiras em sucessivos deslocamentos e em processo de fragmentação:

Rua Miguel Couto...

[...]

Mal por ela passo
caio noutro espaço;
e a tarde ordinária
que atravessava
de comerciária
vira metafísica:
o homem que anda
o outro que compra
este que conversa
– vejo-o:

vivem
uma tarde que
em forma de brisa
a cidade atravessa.
Rua Miguel Couto
de que me esquecera
perdida entre tantas
ruas do planeta
(entre *jirones, calles,*
úlitzi, vielas)
meu esquecimento
não te destruiu:
surges de ti mesma
diante de mim
que te carregava
sem saber de ti
(e talvez morresse
sem nunca o saber
não volvesse por acaso
a passar aqui)
(Gullar, 2008, pp. 286-287)

O endereço é em qualquer lugar ou em qualquer língua: a palavra rua aparece em três formas como a marcar os três lugares dos sucessivos exílios por razões políticas do poeta – Moscou, Santiago e Lima – assim como aparece em português. No retorno, a rua da cidade brasileira parece ainda perdida no tempo atual do poema. Essas ruas são fragmentos da história do poeta e adquirem importância inesperada em sua tentativa de adaptar-se à cidade de origem, o Rio de Janeiro.

A poesia ou a brisa que atravessa a cidade transforma o que é comum, ordinário em temas relevantes. A poesia dá a uma lembrança ou a um espaço outro valor maior. Em *Cantiga do acaso* observa-se que mais do que viver na cidade as pessoas também vivem no poema. Por meio da memória, os habitantes, além do poeta, são transportados para o poema.

O poema de exílio pode ser o local para juntar os cacos: do espaço, da vida, do passado e do presente, do corpo ou do ser. Os poemas *Extravio* e *Falanges* de Ferreira Gullar, publicados em *Muitas vozes* (1999), possivelmente tratam da fragmentação subjetiva do mundo. A fragmentação persiste em poemas onde se observa um exílio existencial como em *Extravio*:

Onde começo, onde acabo,
se o que está fora está dentro
como num círculo cuja
periferia é o centro?

[...]

Estou desfeito nas nuvens:
vejo do alto a cidade
e em cada esquina um menino,
que sou eu mesmo, a chamar-me.
Extraviei-me no tempo.
Onde estarão meus pedaços?
Muito se foi com os amigos
que já não ouvem nem falam.

[...]

Ah, ser somente o presente:
esta manhã, esta sala.
(Gullar, 2008, pp. 398-399)

Esse sentimento de exílio, de estar em descompasso com a realidade, faz o eu lírico querer se agarrar ao presente na última estrofe. *Falanges* revive a dor do exilado político e apresenta uma poesia fragmentada e clandestina:

e como um trapo a língua
se esfarrapa
e deixa ver o
domingo e suas
nuvens
(na perda memória)
fogem
os séculos
no capim (entre
os talos)

próximo à estação
da Estrada de Ferro São Luís-Teresina

[...]

esperando a chuva
passar quem adivinharia
o encontro
em Moscou?
(as pernas
molhadas de respingo)
quem
adivinharia
o poema

em Buenos Aires o amor
no Bairro de Fátima?

os objetos da casa já marcados de abismo
quem adivinharia?
(Gullar, 2008, pp. 406-407)

As mudanças e a instabilidade da vida também contribuem para esse estado de fragmentação do eu lírico. Nesse processo se destacam no poema o exílio político e o exílio de São Luís, postos pela memória não em sucessão temporal, mas em paralelo.

Uma das perdas do exilado é a da sua língua que no poema *Falanges* está em ruínas. No entanto, é a língua que lhe permite recriar a sua cidade. No poema é recriada sua casa, sua perdida terra de origem. A memória está perdida, como o eu lírico e suas origens. Parece que nem o poeta nem a poesia se sentem bem na arte de trabalhar o que é duro:

a
metalurgia
da brisa
da lama
do inseto
azul que
come
fezes
a metalurgia
do pólen
da
espada
que há na água

(o punhal
dentro das
flores
a lâmina
disfarçada
em aroma)
(Gullar, 2008, p. 408)

Ser poeta é comer poesia – como diria João Cabral de Mello Neto, “fezes”. É transformar o duro em material maleável como a água que, por outro lado, não se deixa prender. Recriar a casa perdida é um trabalho duro, é correr o perigo de estar exposto à poesia, a “flor” – como querem outros – que mata e dá prazer.

2. Ter consciência do exílio

Como se viu pelas definições iniciais trazidas, para estar em exílio, quase sempre, é preciso estar fora de casa. Mas nem sempre o fato de estar fora de casa se configura em uma situação de exílio em um poema. Para ser exílio, é necessá-

rio que aquele que está fora de casa se sinta exilado, que tenha consciência de tal fato. Esse sentimento pode se alterar depois de um tempo em que a integração do exilado pode ser tão forte que diminui ou encerra seu sentimento de exílio. Assim, o sentir-se um exilado parte de dentro do indivíduo, do íntimo, e não apenas de fatores condicionantes externos. A consciência de exílio é a percepção de que algo se perdeu, mas também da impossibilidade de ir para o paraíso.

O exílio da cidade natal de São Luís é um dos temas do poema *Nasce o poeta* de Ferreira Gullar: trata-se de um nascimento difícil, com idas e vindas. Supõe-se que o poeta tem consciência de que sua casa ficou no passado:

descubro a estranheza
do mundo
num jardim destroçado
da Rua dos Prazeres
esquina de Afogados
(Gullar, 2008, p. 361)

Mas dessa casa perdida o poeta retira sua poesia, é ali que ele nasce dentro do poema:

mas fosse o que fosse
viria do escuro
viria da noite
que oculta o mundo:
a Rua da Alegria
e a mobília da casa
(Gullar, 2008, p. 356)

O poema utiliza expressões que evocam a tradição poética geral e a poesia de Ferreira Gullar em particular: “o nome é lançado” assim como a palavra é lançada ou acontece um lance de dados; “uma pedra”; “o sopro”; “o vento”. A novidade é a palavra “lobo”:

na vidraça
é o vento?
é o lobo
a palavra sem rosto
que se busca no espelho
[...]

a manhã apaga
as perguntas da noite

as coisas são claras
as coisas são sólidas

o mundo se explica
só por existir

a memória dorme

o presente ri

[...]

No princípio
era o verso
alheio
(Gullar, 2008, pp. 355-359)

A poesia é apresentada como perigosa, mas é a partir dela que o eu lírico poderá criar sua identidade. Essa perspectiva está no passado em São Luís, em *Nasce o poeta*, no tempo de mudança ou no qual Ferreira Gullar decide que a poesia seria um norte em sua vida. Ainda, para ficar no conceito de perigo, cabe lembrar a “noite / que nos envenenaria de jasmim” (Gullar, 1976, p. 43) que surge em *Poema sujo*. Aqui, em *Nasce o poeta*, o fantasma da ditadura parece já estar longe. A “noite” tem o sentido de ocultação e a ameaça refere-se à sedução do poeta pela poesia, o “lobo”.

O poema apresenta um jogo de espelhos onde o poeta obterá sua identidade. De início, dentro do espaço de São Luís, mas também no “verso / alheio”. *Nasce o poeta* justifica o título dado ao livro de onde saiu esse poema, *Muitas vozes* (1999), onde sobressai a imagem da cidade de São Luís. Mas presume-se que esse paraíso não é reconquistado, pois, como conclui o exilado, outro mundo é criado no poema:

e o mundo
no poema
se sonha completo.
(Gullar, 2008, p. 362)

O poeta está fora de casa, mas dentro do poema. Tem a companhia de muitos precursores em sua formação, mas seu caminho é feito na solidão.

3. Estar na solidão

Isso leva à terceira condição para que se considere um poema de exílio: o exilado está na solidão. Sentir-se em exílio é um sentimento individual assim como cada exilado vive de maneira única seu exílio. O fato de estar na solidão é tão constitutivo do exílio ao ponto de se tornarem sinônimos nos dicionários. O exílio pode significar solidão em que se vive, lugar retirado, solitário; solidão pode ser sinônimo de desterro assim como isolamento ou insulamento.

Estar só não quer dizer isolado sempre. A solidão pode ser o resultado da necessidade ou escolha do exilado de manter-se isolado. O fato de estar na solidão não impede que o exilado procure outros em condição análoga a sua. Nesse caso, é comum que o grupo assim organizado vivencie situações que recordem a terra de origem. Inclusive, a presença de outros é importante para provocar a atividade de lembrar, pois o caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é excepcional: “Se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar” (Bosi, 1983, p. 23). Viver em grupo também é importante para criar uma identificação nacionalista entre conterrâneos, ajudar-se mutuamente e reconhecer no outro um “elo simbólico com a terra natal” (Zandoná & Zucco, 2011, p. 179).

No entanto, a definição do exílio e de uma possível volta, as estratégias de sobrevivência e as perdas e os ganhos são subjetivos. O próprio deslocamento é, muitas vezes, um ato solitário. A solidão é um dos mais frequentes sentimentos que emergem nos poemas de exílio. O eu lírico mostra-se só e, em alguns casos, de maneira enfática. Estão nessa categoria os poemas em que os sujeitos andam na companhia de mortos ou de fantasmas. A companhia de um fantasma torna a caminhada mais solitária ainda. Um solitário viajante parece procurar e é perseguido pelo fantasma de Allende, no poema *Volta a Santiago do Chile*, de Ferreira Gullar:

Estou de volta a Santiago
ou não?
É esta a cidade onde vivi?

Cruzando-a agora de automóvel
busco em tudo o passado
Avenida O'Higgins... Providência...
e não o encontro
- La Moneda! É o palácio? não é?

Já no quarto do hotel
deitado olho o espelho em frente:
sua moldura polida, o armário de roupas e à direita
a janela
Allende não está
Não está na cidade não está no país
(Gullar, 2010, p. 119-120)

Jacques Derrida (1994) escreve que o fantasma visita alguém porque o está sempre perseguindo. Mas é preciso falar com os fantasmas para criar uma literatura que os enfrente e estabeleça a herança a receber desses fantasmas.

4. Desejar um paraíso

Além de o exilado estar na solidão e dos fatos de ele estar fora de casa e ter consciência do exílio, outra característica que possibilita que se defina um poema como de exílio é o desejo de estar no paraíso. Individualmente ou em grupo, o exilado tem uma ideia de um paraíso que foi perdido ou é desejável conquistar. O exilado vive em um movimento de queda, volta e reconquista do paraíso perdido.

Em relação ao paraíso perdido, é interessante observar que Sueli Siqueira, Gláucia de Oliveira Assis e Carlos Alberto Dias (2010, p. 63) escrevem que “O retorno é constitutivo do projeto migratório, mesmo que ao longo do tempo não se concretize”. Esse dado leva à discussão do que seria efetivamente uma volta, quais seriam os preparativos para voltar, quais são os impedimentos, como agem os que ficaram, e qual é o paraíso para onde se quer voltar ou o paraíso para o qual se volta realmente. A volta é a tentativa de retomar um lugar na origem. Todos pensam em voltar em melhores condições, com dinheiro ou com a paz na terra de origem. Tanto os que se vão como os que ficam vivem na expectativa do

retorno. Porém, “Retornar é mais difícil que partir [...]’ é uma frase recorrente entre os emigrantes” (Siqueira, Assis & Dias, 2010, p. 63).

A volta marca o fim do exílio, mas pode representar um novo exílio ou “desexílio”. Eleonora Ziller Camenietzki (2006) usa o conceito de “desexílio”³ para analisar os poemas do livro *Na vertigem do dia*, lançado em 1980 por Ferreira Gullar. Essa autora escreve apropriadamente que “[...] o exílio não se extingue com a volta para casa” (Camenietzki, 2006, p. 172) e cita as dificuldades que um exilado encontra ao retornar quando se depara com um país diferente daquele retido em sua lembrança. Essa autora restringe a observação à produção de Ferreira Gullar após seu retorno da Argentina. Ainda assim, percebe-se mais recentemente na poesia do autor esse sentimento de desexílio, como no poema *Volta a Santiago do Chile* (Paiva, 2012):

*É tudo inacreditavelmente real: eu estou neste quarto
e a cidade lá fora – a cidade
com suas avenidas e edifícios,
seus bairros e ônibus
e carros e pessoas.*

*Em que direção fica La Villa Olímpica? Las Condes?
O rio Mapocho? La calle Carlos Antúnez
onde morei?
[...]*

*Lá fora estende-se o presente rumoroso
a crescer com o tráfego urbano e o pulsar do coração.
O passado sou eu*

*(Quem aqui ficou vivendo
o consumiu juntamente com o gás de cozinha e o leite
no café da manhã,
a cada manhã,
porque a vida quer viver e livrar-se do que finda,
(Gullar, 2010, p. 121-122)*

O exilado vive em um processo constante de lembrar para não perder o que ficou para trás. Na volta, ao se dar conta de que efetivamente perdeu, de que houve mudanças, esse processo é reavivado. O exilado também pode viver um destempo, um conceito criado pelo escritor polonês exilado Joseph Wittlin. Trata-se da privação do tempo que passa em seu país de origem (Tabori, 1972). Como consequência o exilado vive em dois tempos simultaneamente, o presente e o passado. No entanto, a vida de um exilado acelera em direção ao seu fim como de qualquer outra pessoa (Tabori, 1972). É factível entender que o exilado percebe isso no poema *Volta a Santiago do Chile* de Ferreira Gullar: “a vida quer viver”. O fato de o exilado morar em dois tempos resulta em conflitos

³ “Desexílio” é um conceito que aparece no romance *Andamios* do romancista e poeta uruguaio Mario Benedetti publicado em 1996. Escrito por um autodenominado “desexilado”, o romance trata de um personagem que volta a sua cidade de origem com um fardo de nostalgias, preconceitos, esperança e solidão (Benedetti, 1997).

graves e até trágicos, pois preenche sua imaginação com os fantasmas de um mundo morto (Tabori, 1972).

Estar exilado compreende, na literatura e na vida, várias perdas: perda por morte de familiares e amigos, perda de status, perda de condições sociais, perda da honra, entre outras. Outra perda referente ao exílio é a da identidade. O exilado vive em um lugar movediço, frágil, de fronteira: fronteira geográfica, fronteira entre culturas, fronteira entre o “eu” e os “outros”. A construção de uma identidade supõe uma singularidade frente a outro. Como é reconhecida essa alteridade em situação de repressão ou de exílio? Segundo Edward Said (2003), o exílio é criado para negar a dignidade e a identidade das pessoas. O sentimento de identidade ou a percepção de permanecer o mesmo que se foi ontem e se será amanhã, de ser fiel a si mesmo, é o que dá confiança necessária para uma vida normal apesar de seus altos e baixos. O exilado é propenso a perder esse sentimento de identidade e essa confiança e tem grande dificuldade em recuperá-los (Tabori, 1972). Além de perder sua identidade, o exilado ainda é alvo da doação ou criação de uma identidade por outra pessoa:

Impõe a idade que me torne
um poeta provector.
Voltar ao soneto
quem sabe ao solene
verso alexandrino

É que o corpo se cansou
de ser enigma
e quer
a qualquer preço virar
discurso antológico?

[...]

Fujo.

[...]

O poema já não quer mais ser poema

[...]

quer ser
um murmúrio
rente à pulsão
estelar
chamada

vida

(Gullar, 2008, p. 312-313)

Esse trecho citado é do poema *Fevereiro de 82* do livro *Barulhos* (1987). A data no título remete aos momentos finais da ditadura quando alguns exilados políticos, como Ferreira Gullar, já haviam retornado ao Brasil. O poema menciona que pode partir do próprio exilado – um retornado que não se sente à vontade

em seu país de origem – a rejeição à identidade a ele imposta. O eu lírico resiste, mas é o poema que age com autonomia.

A ditadura brasileira, após o golpe de 1964, impôs o exílio a alguns e prisão e morte a outros. Ferreira Gullar expressa uma opinião sombria a respeito de seu exílio por razões políticas:

Eu fiz o que pude no exílio. Não ia me render, não ia deixar me destruir. Eu procurava sobreviver, mas aquilo para mim era um castigo permanente. Eu só pensava em voltar. Minha obsessão era tão grande que eu alugava apartamento nas cidades por onde passava, mas não montava uma casa, como se diz. Eu improvisava. O apartamento era uma tenda, um acampamento para mim. Eu não aceitava a ideia de me instalar. Confesso para vocês que eu não aguentava viver longe da minha família, dos amigos, da minha cidade. Uma coisa que eu aprendi no exílio (eu sei que é uma coisa minha) foi o seguinte: em todas as cidades por onde passava, poste era poste, casa era casa, parede era parede e na minha terra, não. O poste é o poste da rua tal, por onde eu passei uma noite, conversando com um amigo; a casa é a casa de um conhecido, etc. O exílio, na minha opinião, é um mundo hostil, um mundo que não é nada, um mundo que é matéria só. Eu não nasci para isso. (Gullar, 1998, p. 43)

Atualmente, as ditaduras, as guerras e as precárias condições de vida resultam em uma massa de deslocados no planeta que aumenta dia após dia e reforçam a posição negativa a respeito do exílio. Entretanto, no exílio, se tem experiências que não ocorreriam na terra de origem. Há o contato com o outro: outra cultura, outra língua, outras relações sociais, outros modos de fazer arte, outro trabalho. Em certos casos, o exílio por decisão própria tem o objetivo de proporcionar essas novas experiências. Se tivesse permanecido em sua casa, talvez o exilado não fosse estimulado pelo conflito e luta, não seria tão criativo. Portanto, o exilado pode contribuir com seu país de acolhimento (Tabori, 1972).

Enquanto a situação em que o exilado se encontra pode ter um término, seu sentimento íntimo de exílio não tem fim. Esse é o luto interminável, incontrollável, sobre o qual escreve Jacques Derrida (1994). O luto total é impossível já que o outro não é digerido totalmente e reaparece espectralmente mesmo que não se queira.

5. Passar por uma experiência de exílio anterior

Por fim, uma das características do exílio nos poemas é a ocorrência de um exílio anterior. O exílio se inicia quando o sujeito começa a sentir ou sofrer as consequências e ações da exclusão ou quando é impedido de se manifestar, entre outros fatos. Esse exílio anterior pode ser resultado, por exemplo, de situação de instabilidade política ou de perseguição política, religiosa, étnica, entre outras. Nesses casos, o sujeito se torna um clandestino em seu próprio país. O estrangeiro dentro de casa torna-se também um estrangeiro para si mesmo.

Mas essa situação pode ser estendida a casos em que existe uma insatisfação com as oportunidades restritas ou inexistentes no lugar onde se vive. Esse é o caso do ensimesmamento do Eu moderno. Para Luciano Gatti (2009, p. 167), o paradoxo do moderno é o homem nascer “sob o signo de sua própria caduci-

dade”. Existe uma rejeição mútua entre o insatisfeito e seu espaço ao ponto de esse espaço transformar-se em outro país.

Na literatura, esse fenômeno ocorre sempre por meio de um questionamento existencial, ou da demonstração da não adaptação à realidade ou do entendimento de que se está em exílio. Assim são os poemas de exílio, que não tratam de um só exílio. Eles incorporam um acúmulo de exílios, pois toda expulsão parece ter um antecedente que é o exílio no próprio lugar. É significativo que a narrativa mítica do primeiro exílio, a expulsão de Adão e Eva do paraíso, contemple a figura de uma exilada. Eva é a mulher estrangeira, aquela que sucumbe à tentação da serpente, esta “[...] muito cultuada entre os cananeus, por presidir à fertilidade e à sabedoria” (Gruen, 1977, p. 58). Eva, no paraíso, já vive no exílio.

O deslocamento geográfico pode resultar em deslocamento interior ou ressaltar o sentimento de exílio. Em *Poema sujo*, de Ferreira Gullar (1976, p. 76), a menção à cidade estrangeira – “estás aqui e não precisavas estar para ver” – pode indicar a percepção do exilado de que o fato de estar em outro país reforça seu sentimento de exílio da cidade natal. Sua saída da cidade onde nasceu é anterior ao deslocamento por razões de atividades políticas.

Conclusão

Nos poemas aqui vistos se pode perceber que o eu lírico está fora de casa e no exílio, pois entende que algo se perdeu. Essa sua percepção de exílio o faz desejar retornar ao paraíso perdido devido ao deslocamento geográfico, à violência ou à sua própria decisão. Pensar na volta é uma estratégia de sobrevivência no exílio, mas retornar não é fácil; pode ser até impossível. No entanto, o retorno constitui-se em um norte para o exilado, não importa que seu exílio seja territorial ou interior. Nesses poemas, a tentativa de buscar o paraíso pode resultar em desexílio, destempo, novo exílio ou recusa a uma identidade doada.

Identifica-se nos poemas que o exílio é um tempo e lugar de instabilidade. O poeta é um ser fragmentado, solitário – embora não esteja sozinho – e que usa sua escrita para sobreviver ao exílio.

Escrever é um modo de realizar a vontade de voltar para casa como se expressam muitos poemas de exílio. Na poesia de Ferreira Gullar, sua casa é sua cidade, São Luís, mas pode ser o corpo da amada, um país ou uma situação mais confortável e menos perigosa. Os poemas podem ser vistos como o lugar onde se recria a casa, o lugar onde se cria a morada.

Referências bibliográficas

- Benedetti, M. (1997). *Andamios* (5ª ed.). Buenos Aires: Seix Barral.
- Bhabha, H. K. (1998). *O local da cultura*. M. Ávila, E. L. L. Reis & G. R. Gonçalves (Trad.). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Bosi, E. (1983). *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- Camenietzki, E. Z. (2006). *Poesia e política: a trajetória de Ferreira Gullar*. Rio de Janeiro: Revan.
- Derrida, J. (1994). *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho de luto e a nova Internacional*. A. Skinner (Trad.). Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

- Gatti, L. (2009). Experiência da transitoriedade: Walter Benjamin e a modernidade de Baudelaire. *Kriterion: Revista de Filosofia*, 50 (119), 159-178. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2009000100008&lng=en&nrm=iso. doi: 10.1590/S0100-512X2009000100008
- Gruen, W. (1977). *O tempo que se chama hoje*. São Paulo: Edições Paulinas.
- Gullar, F. (1998, setembro). Entrevista: Ferreira Gullar. Entrevista concedida a *Cadernos de Literatura Brasileira*, 6, 31-55.
- Gullar, F. (2010). *Em alguma parte alguma* (2ª ed.). Rio de Janeiro: José Olympio.
- Gullar, F. (1976). *Poema sujo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Gullar, F. (2008). *Poesia completa, teatro e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Horstmann-Niemann, H.-J. (1997). Migração. E. F. Schmitz (Trad.). In G. Enderle (Ed.), *Dicionário de ética econômica*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS.
- Ilie, P. (1980). *Literature and inner exile: authoritarian Spain, 1939-1975*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Leite, J. F. M. & Jordão, A. J. N. (1958). Exilium. *Dicionário latino vernáculo: etimologia, literatura, história, mitologia, geografia* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Lux.
- Nascentes, A. (1955). *Degradar*. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- Nascimento, E. (2004). O estrangeiro, a literatura – a soberania: Jacques Derrida. O. N. Amorim & S. V. S. Amorim (Trad.). *Revista de Letras*, 44 (1), 33-45. Recuperado de <http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/view/239>. doi: 10.1590/S0100-512X2009000100008. .
- Paiva, M. G. (2012). *Espaço e espectralidade na poesia de Ferreira Gullar* (Dissertação de Mestrado). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Letras. Recuperado de <http://www.cesjf.br/index.php/mestrado-em-lettras-dissertacoes/2012/375--27/file>.
- Said, E. W. (2003). Reflexões sobre o exílio. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (pp. 46-60). P. M. Soares (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Saraiva, F. R. & Quicherat, L. M. (1993). *Exilium*. *Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.* (10ª ed.). Rio de Janeiro: Garnier.
- Siqueira, S., Assis, G. O., & Dias, C. A. (2010). As múltiplas faces do retorno à terra natal. *Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania*, 5 (5). Recuperado de http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2011/Caderno_de_Debates_5.pdf?view=1.
- Tabori, P. (1972). The semantics of exile. *The anatomy of exile. A semantic and historical study* (pp. 23-38). London: Harap.
- Zandoná, J. & Zucco, M. C. (2011). Casas em exílio: fragmentos do feminino em personagens de Orlanda Amarílis. *Investigações*, 24 (1), 177-202. Recuperado de <http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/1291/985>.

Resumo

O exílio é uma questão universal e pode ser vivido dentro da própria pátria ou da comunidade – o aqui chamado exílio existencial, íntimo ou interior – e/ou vivido fora delas como o que se verifica com os deslocamentos humanos que ocorrem em toda a História, com destaque para os trágicos movimentos migratórios no século XXI. Comumente associado à situação resultante de deslocamento geográfico, o exílio também ocorre em lugares/espacos não geográficos, no interior do indivíduo. Esse indivíduo é banido de seu grupo social por não aderir aos valores compartilhados pela maioria, com isso torna-se um exilado. Na dimensão literária, existe uma tradição de poemas de exílio. Neste artigo, são analisados poemas de Ferreira Gullar, um poeta brasileiro herdeiro dessa tradição. Para determinar a escolha e a análise dos poemas considerados “de exílio”, foram levados em conta a presença, na cena poética, dos seguintes aspectos: o exilado está fora de casa, tem consciência do exílio, é um ser sozinho, deseja um paraíso e passou por uma experiência de exílio anterior. Observa-se nos poemas escolhidos tanto um exílio íntimo como aquele resultado de deslocamentos geográficos. Também é possível ver, nesses poemas, que ser poeta é ser uma voz dissonante e uma estratégia para se sobreviver ao exílio ou cultivar a língua perdida. Nesses poemas sobressai a questão do retorno como uma tentativa de buscar o paraíso no texto. As análises desses poemas são orientadas especialmente pelas reflexões teóricas de Edward Said, Homi K. Bhabha, Jacques Derrida, Paul Ilie e Paul Tabori.

Abstract

Exile is a universal issue and can be lived in our own home or community – here called existential, intimate or interior exile – and/or lived outside it as is the case with the displacements that occur throughout history, highlighting the tragic migration in the twenty-first century. Commonly associated with the situation arising from geographical displacement, exile also occurs in non-geographic places/spaces, inside the individual. This individual is banned from his social group because he does not adhere to the values shared by everybody and because of that, he becomes an exiled. On the literary dimension, there is an exile poems tradition. In this article, Ferreira Gullar's poems are analyzed, a Brazilian poet who is heir to this tradition. To determine the selection and analysis of poems called by "exile", in the poetic scene the following aspects were considered: the exiled is away from home, he has exile awareness, he is a lonely being, and he wants a paradise and has lived a previous experience of exile. We can observe in the chosen poems an intimate exile, which is the result of a geographical displacement. It is also possible to see in these poems that to be a poet is to bring a discordant voice, and a strategy to survive the exile and cultivate the lost language. In these poems stands the question of return as an attempt to seek paradise in the text. The analyzed poems are especially guided by the theoretical reflections of Edward Said, Homi K. Bhabha, Jacques Derrida, Paul Ilie and Paul Tabori.